

RÓMULO DE CARVALHO: UM HISTORIADOR DA CIÊNCIA, PERCURSOS E POÉTICA**

Breve Nota

Em final de Primavera de 1985 conheci o *Professor Torgal* em Lisboa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Na altura esperava, nervosamente, a entrada na sala do arguente da minha tese de Mestrado em História Cultural e Política. Tematicamente a interpelação académica encaminhou-se pelos meandros de "Tradição e revolução", e a figura do engenheiro militar Marino Miguel Franzini viu-se transformada num verdadeiro laboratório de ideias, uma mesa por onde passaram muitas perguntas e algumas tentativas de respostas centradas na articulação cultural e científica das *luzes* e do *liberalismo*. Foi um bom princípio para uma longa amizade e uma profunda admiração pessoal e intelectual.

O cenário destes encontros académicos mudou da sala das cadeiras cor de laranja para o espaço patrimonial da Sala dos Actos da Universidade de Évora. As perguntas e respostas de ritual académico repetiram-se em 1994 e em 2002, privilégio de ter tido sempre um interlocutor de

* Departamento História da Universidade de Évora - Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência.

** Texto que deriva de conferência apresentada no Colóquio Internacional *António Gedeão / Rómulo de Carvalho. Novos Poemas para o Homem Novo*, organizado pelo Instituto Superior da Maia, 4 de Novembro 2006.

excepção ao longo do meu percurso universitário. Mas, estes momentos foram aberturas para outros encontros, para outras conversas... E pensando bem, *tradição e revolução* e *cultura e ciência* foram sendo temas de actualização historiográfica, lembrando-me sempre o Professor Reis Torgal a necessidade de ousar entrar no século XX, sobretudo quando já nos encontrávamos no século XXI!

A opção *Rómulo de Carvalho: um historiador da ciência, percursos e poética* tenta corresponder a este desafio. Acima de tudo pretende simbolizar a estima e o papel fundamental que o *Professor Torgal* teve em várias gerações universitárias ao longo do último quartel do século XX.

Uma Fala de Historiador

Em 1999, a Dr.^a Natália Nunes, em jeito de prefácio ao livro de fotografia intitulado *Memória de Lisboa*, caracterizava sucintamente o perfil do seu marido Rómulo de Carvalho/António Gedeão afirmando que se trata de um belo roteiro descrito simultaneamente pela ciência de um **Historiador** de quem foi também um grande Professor e um admirável Poeta. Estamos, pois, no caminho certo para entrar no seu reino de historiador da ciência no contexto de Portugal, no universo que abriu de novas perspectivas e de cruzamentos temáticos: arte e história, ciência e história da ciência.

Como historiador da ciência em Portugal mas também como historiador da cultura em Portugal, sobretudo a do século XVIII, da história da cultura forjada pelas tensões e inovações entre os Antigos e os Modernos. Uma história da cultura em Portugal que tinha as suas raízes na projecção do rectângulo do extremo ocidente da Europa no espaço cultural do seu tempo europeu, com adaptações, com atrasos, com paralelismos, com diálogos culturais e importações científicas. Os exemplos podemos referencia-los como uma marca dominante da sua escrita, do seu rigor de historiador, da sua oficina de historiador da cultura. Sob o ponto de vista global lembremos algumas das figuras ou dos temas das páginas de Rómulo de Carvalho. António Nunes Ribeiro Sanches, João Jacinto de Magalhães, Bartolomeu de Gusmão, Jacob de Castro Sarmiento, Abade Correia da Serra ou ainda a presença portuguesa no conceituado periódico da Royal Society inglesa, *The Philosophical Transactions*.

Para organizar o nosso itinerário gostaríamos de assinalar os espaços de Rómulo de Carvalho nas três cidades de cultura portuguesas que lhe marcaram, decerto, o timbre e a obra de historiador da ciência: Porto, Coimbra e Lisboa. Os três palcos que encenaram a sua prolixa escrita, as três urbes que albergaram arquivos, bibliotecas, contactos, gente de memória e círculos de intelectualidade, de debate filosófico e histórico, editoras, tipografias, editores e revistas de variados quadrantes, como se verifica nas páginas de colaboração às publicações *Vértice*, *Biblos*, *Palestra* e *Ocidente*.

Falar da obra do historiador com timbre de poética coloca-nos um problema concreto: por onde começar? Pela ordem cronológica? Pela sequência temática? Pelas obras seleccionadas, pelos artigos dispersos, pelas colecções temáticas, pelos grandes livros editados? Preferimos ir gradativamente descobrindo a rede de temas e de textos que formam toda a sua vasta obra de historiador da ciência em Portugal, cujo reconhecimento público foi traduzido no Doutoramento *Honoris Causa* outorgado pela Universidade de Évora, em 1996, apadrinhado pelo, então, Director do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, Professor Doutor Bragança Gil.

Pretendemos entrar na escrita deste historiador da cultura com a leitura de um texto de memória, de prática cultural comemorativa em homenagem ao químico portuense Ferreira da Silva, no momento em que se celebrava o primeiro centenário do seu nascimento, exactamente como hoje fazemos em relação ao próprio Rómulo de Carvalho.

Em 1953, no Porto, o jovem licenciado não deixa de fazer registar em pequeno opúsculo de edição de Autor o centenário do nascimento de um dos prestigiados professores da Academia Politécnica do Porto / Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, designação após a implantação da República. Estava lançada a semente para o diálogo com os leitores sobre a história da ciência em Portugal. E as suas palavras ilustram bem o que pensava do seu antigo Mestre de química, Ferreira da Silva, dado que a ele se refere como "foi um dos raros portugueses cujos estudos de Química passaram além das nossas fronteiras, merecendo elogios de alguns dos mais respeitados investigadores estrangeiros do seu tempo"⁽¹⁾. Na continuação da construção de uma memória científica,

⁽¹⁾ Seguimos o texto de Rómulo de Carvalho sobre Ferreira da Silva que abre a colectânea *Estudos Históricos*, conjunto de textos reunidos, em 1997, e publicado pela Universidade de Évora. Silva, p. 3.

acrescenta Rómulo de Carvalho que a sua morte mereceu informação elogiosa da parte do director do *Bureau International de Poids et Mesures*, assim como da Universidade de Toulouse, da Sociedade Espanhola de Física e de Química, da Real Academia de Ciências Exactas, Físicas e Naturais, da Sociedade de Química de França, e de um número muito significativo de instituições internacionais que noticiaram a morte do químico português.

Em Coimbra, Rómulo havia visto, mirado e admirado os instrumentos científicos da Universidade, desde a sua fundação até ao jubileu do professor italiano Giovanni António Dala Bella, com recolha fotográfica e com sistematização de todo o material aí existente, passível de ser observado também numa lógica de museu, exibido, como iria ser mais tarde, além fronteiras e dentro de fronteiras - como viria a acontecer com a Europália (Bélgica, 1991) e com a exposição que a Fundação Calouste Gulbenkian organizou posteriormente. Mas a origem, o ponto de partida para toda a azáfama do Gabinete de Física da Universidade reformada por Pombal estava em Lisboa no Colégio dos Nobres. Impunha-se que Rómulo comesçasse pelo princípio, que o historiador meticoloso das questões da cultura científica se debruçasse sobre esse assunto.

O resultado foi lido e editado pela Editora Atlântida, na qual percebemos a arte, o engenho e a investigação, da interpretação, da arrumação, da sistematização e da apresentação dos factos históricos. Não faltam as referências de notas de rodapé, a bibliografia, os documentos consultados - chega mesmo ao pormenor de fornecer a cota, de forma que o leitor pudesse ser selectivo e electivo, permitindo uma, duas, três, múltiplas leituras de todo aquele material recolhido. E, para funcionar como uma verdadeira e notável obra de consulta, Rómulo de Carvalho preparou ainda, como irá preparar ao longo de todos os seus textos, o indiscutível índice remissivo - instrumento de trabalho fundamental quando não existiam nem os "googles", nem a base de dados dos computadores.

Estava lançada, no nosso ponto de vista, uma gramática de trabalho e de procedimentos científicos sob o ponto de vista formal, que reflectia parte do aparato erudito da historiografia oficial do Estado Novo. A nossa grande preocupação é demonstrar que este formalismo se reduzia a isso mesmo, a uma gramática de formalismo. No balanço da sua obra - de historiador, de pedagogo e sobretudo de poeta - é fácil encontrar um contraste com a historiografia oficial desse período - quase que preferíamos falar em divórcio. Rómulo não se deixou influenciar

pelos grandes heróis da história nacionalista e patriótica, marcas de historicidade da produção das oficinas de história, por exemplo da Academia de História.

A diferença de timbre estava exactamente na selecção dos temas, na selecção do tempo histórico de Rómulo de Carvalho: não os heróis ou santos ou guerreiros, não gente da pintura, dos descobrimentos marítimos, nem políticos nem reis de batalhas.

O historiador da ciência em Portugal

O programa de investigação que Rómulo de Carvalho começa a delinear e a construir, a partir do final dos anos 50 do século XX, foi o século XVIII em Portugal; a História da Ciência e dos seus actores sociais; as suas relações existentes entre o espaço do Estado português e a Europa e a cultura do seu tempo, sobretudo de um tempo de mudança e de alterações - as Luzes e o Iluminismo - mas também um tempo de alterações e de revoluções por toda a Europa e o mundo ocidental. Época em que se acreditava, que, por via da educação e do ensino, se podiam levar a cabo verdadeiras transformações gradativas de índole cultural, com as consequentes projecções sociais, económicas e mentais. E Rómulo deixou marcas desta apreensão do real histórico setecentista, também na sua qualidade de cidadão consciente do seu tempo possível, em quase todos os seus textos preparados e publicados até à década de 90 do século XX.

Como historiadora de cultura não posso deixar de me interrogar sobre o porquê deste programa de investigação. Qual a razão pela qual Rómulo não se deixou seduzir e seguir por aquilo que era mais óbvio, mais consentâneo com a sua época, que seriam os Descobrimentos, ou seja, o século XV e o século XVI, nomeadamente na sua componente de abertura de conhecimento e de domínio técnico de navegação? Porquê não ter dado tanta atenção ao suporte temporal desta época, qual a essência da fala deste novo historiador, quase a fala de um homem nascido para uma outra visão da História global de Portugal? Que contextos de sociabilidade intelectual e factual terão integrado e formatado, ou adaptado, o conjunto de investigações de Rómulo de Carvalho? Não pensamos que elas, por se encontrarem dispersas por diferentes suportes de edição ao longo dos 50 anos da

sua actividade de historiador de Ciência, possam ser elementos soltos ou desconexos.

Voltamos à questão inicial: o porquê deste enorme projecto de investigação que durou aproximadamente meio século? Para encontrarmos algumas pistas de diálogo com a produção do historiador, temos mais uma vez que regressar a Coimbra. Penso que temos mais uma vez que voltar à figura e ao magistério filosófico e de história da cultura portuguesa de Joaquim de Carvalho.

E, este o pretexto para lembrar que, em 1934, teve lugar em Portugal o 3º Congresso Internacional de História da Ciência, entre Porto, Coimbra e Lisboa, entre o final de Setembro e o início de Outubro, com a devida encenação protocolar de honras de Estado, mas com a presidência e a capacidade de demonstrar a importância da história da ciência por parte de Joaquim de Carvalho. Temos também que recordar a prática de comemorar centenários de instituições científicas, a força da palavra *Politécnica* para a afirmação da Faculdade de Ciências do Porto e da Faculdade de Ciências de Lisboa e todo o conjunto de cerimoniais e acontecimentos científicos que deram lugar ao primeiro Centenário da Academia Politécnica do Porto e da Escola Politécnica de Lisboa. Actividades que fizeram produzir inúmeros materiais, inúmeros artigos de revista, um quase incontável número de memórias, de testemunhos e de estudos que estavam disponíveis pelas várias bibliotecas por onde Rómulo de Carvalho circulava.

E, por fim, seguindo também as notas de rodapé dos textos de Rómulo, o facto que ele conhecia o Congresso do Mundo Português, com especial significado, como é óbvio, para o VIII Congresso, coordenado por Joaquim de Carvalho, que teve lugar em Coimbra, e que teve como título: *A actividade científica em Portugal*⁽²⁾. São dois volumes, são cerca de 1100 páginas e, curiosamente, cerca de 90% dos contributos para a história da actividade científica dos diferentes ramos dos saberes da ciência em Portugal situam-se a partir do século XVIII até ao momento em que estão a ser escritos, até 1940.

⁽²⁾ Disponível em www.bdn.pt - Biblioteca Digital - memória da ciência, Biblioteca Nacional de Portugal.

Mas não podemos deixar de realçar que este enorme manancial de repositório de informação histórica que se produziu num tempo anterior à sua manifestação pública de historiador da ciência, por outro lado raramente podemos encontrar Rómulo de Carvalho como participante activo nas celebrações comemorativas da ciência durante o meio século da sua produção cultural.

Assim, em jeito de busca de uma lógica de enquadramento de geração podemos entender que tudo se encontrava publicado e disponível em arquivos e bibliotecas que Rómulo frequentava; se juntarmos o factor Joaquim de Carvalho talvez consigamos perceber que o século XVIII e a história da actividade portuguesa se impôs no contexto cultural e mental da época como uma janela aberta para respirar outros ares, talvez outros diálogos com a memória nacional e com a História de Portugal, sempre com o princípio de um horizonte de Portugal e da Europa, tendo em conta que a Europa começava sempre do outro lado dos Pirinéus.

A Cadência da Escrita do Historiador

Entramos, pois, na cadência ritmada dos seus estudos em que os acontecimentos e as personalidades científicas ganharam relevo no seu tempo europeu em relação directa, ou indirecta, com a realidade portuguesa. E assim também vamos encontrar nos textos de Rómulo a referência aos mecanismos de obstáculos científicos, epistemológicos, religiosos ou políticos que caracterizaram o século XVIII e, algumas vezes, o próprio século XIX e o século XX. Alguns destes textos dispersos foram reunidos em dois volumes pela Universidade de Évora: a *História da Actividade Científica no Século XVIII* e, depois, os *Estudos Históricos*, que foram reunidos em 1997. São dois grossos volumes. Um, o primeiro, é constituído por toda a produção científica que Rómulo de Carvalho apresentou à Academia das Ciências, e são cerca de 950 páginas. O outro, são os textos que estavam dispersos em diferentes suportes editoriais e que foram reunidos, dando conta de inúmeros percursos efectuados. Destas 1500 páginas que a Universidade de Évora compilou com a ajuda, a colaboração directa, e, eu direi ainda, o entusiasmo do Professor Rómulo de Carvalho, é perceptível entendermos aquilo de que se falava no início: a existência de um programa de trabalho, quase como os projectos que nós hoje temos que submeter à FCT. E é, de facto, extraordinário percebermos

a coerência, os elos de ligação, nestes textos que a Universidade de Évora reuniu, que são considerados os textos dispersos, ou seja os que estavam mais difíceis de encontrar para um público que quisesse estudar e referenciar-se para entrar na obra de Rómulo de Carvalho, enquanto historiador de ciência e historiador da cultura.

Numa rápida visão, entendemos como qualquer historiador, sociólogo da cultura, antropólogo cultural sente necessidade de ler e reflectir sobre estes textos. Mas o mesmo sucede com os físicos, com os biólogos, com os filósofos e também, claramente, com um público alargado culto e letrado numa lógica de divulgação da cultura ou divulgação da história da cultura científica. A obra de Rómulo de Carvalho interessa pôr na lógica de uma produção cultural em Portugal que não tem muitos outros expoentes nesta área da história da cultura científica, inserida em contexto real, histórico, concreto, com a sociedade, com os problemas do país, com os actores sociais e as suas relações com o poder ou apresentar dados para se perceber as diferentes etapas do poder e da sua prática discursiva, sobretudo no século XVIII e no século XIX.

O Encontro com os Historiadores da Década de Sessenta...

É exactamente neste contexto, e numa tentativa de evidenciar a fala de um novo historiador, que gostaríamos de referenciar as entradas que Rómulo de Carvalho escreveu para o *Dicionário de História de Portugal*, que ainda hoje é um instrumento inolvidável de qualquer historiador. Lembramos que este trabalho é feito no âmbito do Liceu lisboeta Pedro Nunes, onde também estava Joel Serrão e onde nasce o *Dicionário*.

Nós historiadores muitas vezes esquecemos que vamos encontrar sinais da modernidade cultural em Portugal neste indispensável instrumento de trabalho, em textos como "A astronomia em Portugal", "Francisco António Ciera", "Bartolomeu da Costa", "ensino liceal", "física e físicos", "Filipe Folque", "João Jacinto Magalhães", "Colégio dos Nobres", "Escola Politécnica", "Bento Moura e Portugal", "Química em Portugal", "Jacob Castro Sarmiento", "José Abade Correia da Serra" ou "Eusébio Veiga"; esquecemo-nos que estamos a consultar textos do *Dicionário de História de Portugal* que têm no final o R.C. e que esta sigla corresponde ao nome Rómulo de Carvalho. Em todos eles nós adivinhamos a escrita do historiador, em todos eles nós percebemos que

existem pontos de balanço, de apuramento de dados, de encadeamento de ideias e de uma perspectiva interpretativa para Portugal, ciência e cultura dos modernos europeus.

Claramente se torna visível que a proto-história das "bases de dados" é constituída pelos milhares de fichas manuscritas e sistematizadas em caixas que constituem, hoje, parte do acervo do espólio da Biblioteca Nacional de Portugal - arquivo de cultura portuguesa. Material que Rómulo dominava, manipulava e fazia revigorar cada vez que era necessário dar resposta ou a um novo problema que ele colocava a si próprio ou dar resposta a algum tipo de actividade mais encomendada. Os temas e entradas que de sua autoria encontramos neste instrumento de trabalho deram rosto colectivo a uma obra de referência da cultura em Portugal; são o resultado de uma síntese, inevitavelmente em curso; são o resultado de visões sintéticas de trabalhos já realizados ou são ainda o ponto de partida para incursões visionárias do futuro.

Neste contexto de encontros com o *Dicionário de História de Portugal* não podemos deixar de registar que é pena que muitas vezes nós esqueçamos que Rómulo de Carvalho colaborou com esta nova geração de historiadores. É pena que se esqueça que a partir dela nasceu um viveiro de intelectualidade, no qual se associava pedagogia e ciência, como a revista *Palestra* claramente demonstra.

De facto, o fascínio da leitura dos textos de Rómulo de Carvalho é o impressionante diálogo com os livros, com as pessoas: os históricos e os outros, os que consigo conviviam, para além do cuidado de usar na linguagem a poética e a estética da escrita, perfeitamente visível nos seus textos de historiador, certamente também em muitos dos seus textos de pedagogia que se encontram na revista escolar da segunda metade do século XX - *A Palestra*.

Um Balanço Historiográfico

Mas gostaríamos de terminar esta visão referenciando dois conjuntos de textos de história da ciência. O primeiro, a *Bibliografia de História da Ciência* que apresenta à Academia das Ciências. É, de facto, uma prova inequívoca que Rómulo de Carvalho tinha uma generosidade enorme para com o leitor e para com o público, ao fornecer as cerca de 2000 entradas, de artigos e de apontamentos, que, ainda hoje, se não for aquele

instrumento de bibliografia feita por autores portugueses sobre historia da ciência em Portugal, nós não lhe chegamos, porque não há bases de dados informatizadas que disponibilizem aquele tipo de informação. Esse é, um pouco, o labor dos seus múltiplos anos de actividade.

No segundo grupo, gostaria de encadear as suas grandes obras na cadeia de História das Ciências em Portugal, a *História do Real Colégio dos Nobres*, a *História do Gabinete da Universidade de Coimbra*, este editado pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e, por último, a *História do Ensino em Portugal*, que abre um outro campo de diálogo e um outro campo de intervenção: ligação entre a figura de Rómulo de Carvalho e a Fundação Calouste Gulbenkian, e que ainda hoje se mantém extremamente activa e permanente. Por último, dentro deste grupo, Rómulo de Carvalho não fez só os "Cadernos de Iniciação Científica para a juventude" e não fez apenas os livrinhos de "Ciência Aberta". É na década de 80 que responde ao desafio do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa para publicar, na Biblioteca Breve, a síntese da visão da filosofia natural newtoniana sobre o século XVIII: a *História da Física*, a *História Natural* e a *História da Astronomia*. Também aqui se demonstra como a visão entre o cientista, o pedagogo, o historiador da ciência, o historiador da cultura, está extremamente presente. Não bastava ler os longos artigos de *História do Colégio dos Nobres* ou da *História do Gabinete de Física*. Nós temos num pequeno livro de divulgação, com uma bibliografia seleccionada, com as notas, com os artigos de referência, ou seja, um ponto de partida para qualquer estudante de licenciatura ou mestrado ou doutoramento, ainda hoje, poder ir ali beber os seus ensinamentos.

Afinal, qual é o perfil deste historiador ou deste poeta historiador? É o oposto da produção historiográfica do Estado Novo. Tem como marca o desenvolver um programa de investigação em torno do século XVIII. É um historiador que disse "não" aos Descobrimentos. É um historiador que acreditava, nos textos e na sua prática, que o ensino podia ajudar a mudar a sociedade, a melhorar a condição humana, podia alterar o sistema de governação e, sobretudo, o ensino podia alterar a fisionomia e a condição dos seus cidadãos. Foi, como lhe chamou o Christopher Aureta, o "Príncipe da Renascença". Mas é um renascentista que olhou para o tempo do Renascimento como um tempo de efervescência intelectual e de profunda imaginação, e que vai colocar ao serviço dos seus textos, centrados a partir do século XVIII e do século XIX.

Referências Bibliográficas utilizadas para escrita de texto

- BASTO, Augusto Magalhães, 1937, *Memória histórica da Academia Politécnica do Porto*, Porto, Universidade do Porto.
- CALAFATE, Pedro, 2000, (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, (vol. 5, tomo I, II), Ed. Caminho.
- CAROLINO, Luís Miguel, 1998, "As Fontes de História da ciência na historiografia da cultura portuguesa", in Juan Luis García Hourcade et al. (Coord.), *Estudios de Historia de las Técnicas, la Arqueología Industrial y las Ciencias*, vol. I. León, Junta de Castilla y León/Consejería de Educación y Cultura, pp. 341-350.
- CARVALHO, Joaquim de, 1934, "Jacob de Castro Sarmento et l'introduction des conceptions de Newton en Portugal", *Archeion*, pp. 320-323.
- CARVALHO, Joaquim de, 1978, *Obra completa*, (9 vols.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARVALHO, Rómulo de, 1969, *História da Fundação do Colégio Real dos Nobres de Lisboa (1761-1772)*, Coimbra, Ed. Atlântida.
- CARVALHO, Rómulo de, 1978, *História do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra*, Coimbra de, Universidade de Coimbra / Biblioteca Geral.
- CARVALHO, Rómulo de, 1986, *História do Ensino em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARVALHO, Rómulo de, 1996, *Actividades científicas em Portugal no século XVIII*. Évora, Universidade de Évora.
- CARVALHO, Rómulo de, 1997, *Colectânea de Estudos Históricos (1953-1994) Cultura e Actividade Científica em Portugal*, Évora, Universidade de Évora.
- CATROGA, Fernando, 1977, "A importância do positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal", *Biblos*, vol. LUI, pp. 285-327.
- COSTA, Ramos, 1938, "Comemorações e Homenagens", *Petrus Nonius*, pp. 488-491.
- CUNHA, Pedro José da, 1937, *A Escola Politécnica de Lisboa. Breve notícia histórica*, Lisboa, Faculdade de Ciências de Lisboa.
- DOMINGUES, Francisco Contente e BARRETO, Luís Filipe (orgs.), 1986, *Luís de Albuquerque - Bio-bliografia e Bibliografia - estudos de História, A Abertura do Mundo. Estudos de História dos Descobrimentos Europeus. Em homenagem a Luís de Albuquerque*, vol. I, Lisboa, Editorial Presença.
- FITAS, Augusto/ RODRIGUES, Marcial/ NUNES, M. Fátima, 2008, *Filosofia e História da Ciência em Portugal no século XX*, Lisboa, Caleidoscópio.
- FITAS, A.J., 2005, "A Teoria da Relatividade em Portugal (1910-1940)", in Carlos Fiolhais (org.). *Einstein entre nós - A recepção de Einstein em Portugal de 1905 a 1955*, Coimbra, Imprensa da Universidade, pp. 15-42.
- FITAS, A. J. e VIDEIRA, António A. R, 2004, *Cartas entre Guido Beck e Cientistas Portugueses*, Lisboa, Instituto Piaget.
- FOX, Robert, 2006, "Fashioning the Discipline: History of Science in the European Intellectual Traditio", *Minerva*, vol. 44, pp. 410-432.
- GAVROGLU, Kostas, 2007, *O Passado das Ciências como Historia*, Porto, Porto Editora.

- GIL, Fernando Bragança, 1995, *Laudatio do Dr. Rómulo de Carvalho*, Doutoramento "Honoris Causa" de Dr. Rómulo de Carvalho, Évora, Universidade de Évora.
- GUEDES, Manuel Vaz, 2000, "João António dalla Bella: um livro sobre pára-raios em 1772", in *Actas do Iº Congresso Luso-Brasileiro de História da ciência e da Técnica*, Évora, Universidade de Évora, pp. 311-318
- HOOYKAS, R., 1983, *Selected Studies in History of Sciences*, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- LEACH, E. et al, 1992, *A Ciência como Cultura*, Coloquio promovido pelo Presidente da República, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MONTEIRO, Arlindo, 1937, "Ensino da Historia das Ciências", *Petrus Nonius*, pp. 185-189.
- MONTEIRO, Arlindo Camilo, 1937, "Esclarecimento sobre a actuação do 'Grupo Português de Historia das Ciências'", *Petrus Nonius*, pp. I-XI.
- MONTEIRO, Arlindo Camilo, 1941, "Portugal: Grupo Português da Historia das Ciências", *Archeion*, pp. 263-265.
- NUNES, Maria de Fátima, 1999, *Em torno de 25 Estudos Históricos*, Dia Nacional da Cultura Científica, Évora, Universidade de Évora.
- NUNES, Maria de Fátima, 2004, "The History of Science in Portugal (1930-1940): the spheres of action of a scientific community", *E-Journal of Portuguese History*, vol. 2 (2-Winter).
- NUNES, Pedro, 1940, *Obras* (4 vols.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- O'BRIEN, Patrick, 2006, "Historiographical traditions and modern imperatives for the restoration of global history", *Journal of Global History*, vol. 1, pp. 3-39.
- PEIXOTO, Jorge, 1976, *A acção de Joaquim de Carvalho na Imprensa da Universidade de Coimbra*, Lisboa, sep. Arq. História e Bibliografia.
- PINA, Luís de, 1931, "L'enseignement de l'histoire des sciences au Portugal", *Archeion*, pp. 483-485.
- PINA, Luiz de, 1937, "O Centenário da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa", *Petrus Nonius*, pp. 165-178
- PORTO, João, 1941, *Alguns problemas da Universidade de Hoje*. Oração de "sapiência" pronunciada na Sala dos Capelos na Sessão solene de Abertura da Universidade de Coimbra, 16 de Outubro de 1940, Coimbra Sep. de Biblos.
- SANTIAGO, Maria Raquel, 2001, *Mário Silva: a obra de um professor* (Tese de Mestrado em Física na Universidade de Évora), Évora.
- SILVA, A. J. Ferreira da, 1903-1910, "Marcelin Bertholet. A sua obra científica, a sua Filosofia, o seu carácter", *Jornal das Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais*, 2ª série, tomo VII, pp. 219-230.
- SILVA, Mário, 1971a, *Elogio da Ciência*, Coimbra, Coimbra Editora.
- SILVA, Mário, 1971b, "A vida e a obra de Vicente Coelho de Seabra Silva e Telles (oriundo de Ouro Preto)", *Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica*, nº 1.